

A QUESTÃO CONCEITUAL DA MULHER NO ESCÓLIO DE JACQUES LACAN: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Carolina Cubas Antonio¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é entender como a feminilidade e a mulher têm sido abordadas dentro da psicanálise, especificamente na abordagem lacaniana, nos últimos anos. Para tanto, foi feita pesquisa na plataforma Scielo, abrangendo trabalhos publicados entre 2016 e 2020. A partir da revisão sistemática da literatura, buscou-se pelos principais conceitos e entendimentos do feminino na perspectiva de Jacques Lacan.

Palavras-Chave: Mulher. Psicanálise. Lacan.

607

INTRODUÇÃO

1. SOBRE A CONSTITUIÇÃO EDIPIANA FEMININA

A elaboração do conceito de mulher na Psicanálise tem em sua natureza a controvérsia, e a infinidade de tentativas de definição é a maior validação desta afirmação. Durante as décadas de 1920 e 1930, houve intensa produção literária acerca da sexualidade feminina, principalmente por parte de psicanalistas de segunda geração, como Karl Abraham e Melanie Klein. Estes teóricos - embora se opusessem às questões freudianas relacionadas ao desenvolvimento sexual feminino - utilizam-se sempre dos conceitos por ele desenvolvidos para iniciar suas formulações, ainda que para questioná-lo (COSSI, 2020).

É possível encontrar um extenso material sobre a mulher na literatura freudiana, sendo que o desenvolvimento de suas teorias inicia-se na busca da compreensão da histeria: uma patologia que, em sua origem, era associada diretamente às mulheres (ROUDINESCO, 1998), se tornando, posteriormente,

¹ Pós-graduação em Psicanálise. Escola Intelecto de Psicanálise. E-mail: guriasud@gmail.com

segundo Valdívia (1997, p. 20), a “possibilidade de uma relação humana ‘doentia’ que submete uma pessoa à outra”. A inovação metodológica de Freud pode ser observada na utilização dos relatos de diversas pacientes históricas em seu livro “Estudos sobre a histeria” (1895), onde questões como amor, desejo, ódio e culpa são admitidas como componentes originários da etiologia da neurose de conversão.

Em 1905 Freud, no livro “três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, inicia a sistematização das fases de desenvolvimento da organização sexual infantil, discorrendo sobre a importância da organização pré-genital e formulando construções teóricas como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.

Em síntese, o Complexo de Édipo para Freud é “a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo” (ROUDINESCO, 1998). Está ligado à fase fálica, onde (no desenvolvimento normal) o menino tem a mãe como objeto de amor passa a enxergar o pai como rival. O Édipo desapareceria com o Complexo de Castração, onde a partir do interdito do pai desiste de seu investimento libidinal na mãe e passa a identificar-se com o pai. Freud, entretanto, busca entender a organização da estrutura da personalidade (através da resolução do Complexo de Édipo), primeiramente, através do modelo do menino (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012, p. 78).

Somente em 1924 (FREUD, 1924) é que se inicia de fato uma tentativa sistematizada de entender o Édipo a partir da perspectiva feminina, no texto “O declínio do Complexo de Édipo”. Nele, afirma-se que “o feminino permanece não descoberto”, pois ainda não foi possível definir claramente em que ponto do desenvolvimento psíquico os sexos se distinguem, mas constata que o Complexo de Castração compõe a pré-história do Complexo de Édipo na menina (aquele é anterior a este), sendo o componente que até então considerava originário (no caso, o Complexo de Édipo) uma formação secundária, invertida quando comparada ao desenvolvimento masculino. Em relação ao Complexo de Castração, surgiria para a menina, na descoberta da diferença anatômica entre os sexos, quando, ao descobrir o pênis do menino, sua proporção passaria imediatamente a identificá-lo como

superior, dando origem à “inveja do pênis”, que ensejaria o início do complexo de masculinidade, fator decisório na resolução do Édipo e no desenvolvimento da sexualidade feminina na puberdade.

Em seu artigo “A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial”, Freud (1926) faz a famosa afirmação que a mulher seria, para a psicanálise, “um continente negro”. Segundo o texto, o não desempenho de qualquer papel do órgão feminino na sexualidade infantil inicial é importante aspecto dessa fase, uma vez que estaria toda em torno da existência ou ausência do genital masculino, sendo a inveja do pênis a origem de todo um grande número de reações femininas características.

Já em “Sexualidade Feminina” (FREUD, 1931), Freud busca aprofundar suas teorias relacionadas à fase infantil da mulher; afirma que é possível considerar que o Édipo feminino abrange ambos os pais, dado que o primeiro objeto de desejo da meninas seria a mãe, sendo o pai um incômodo rival. Assim, a ligação da menina com o pai no Édipo não mais seria que “a herança de uma ligação igualmente intensa com a mãe” (FREUD, 1931, p. 288). Ratifica também que sua formulação é adequada apenas para o sexo masculino:

Portanto, o Complexo de Édipo na mulher é o resultado final de um longo desenvolvimento; ele não é destruído pela influência da castração mas criado por ele; ele escapa das intensas influências hostis que atuam no homem como destruidoras e, inclusive, muito frequentemente, não é absolutamente superado pela mulher (FREUD, 1931, p. 291).

As afirmações freudianas baseadas nas premissas biológicas, na tentativa de justificar uma menor relevância sociopolítica da mulher (FREUD, 1926), resultaram em certa estigmatização de seus postulados em relação à mulher e ao feminino: sua teoria era frequentemente sinalizada como suporte ao machismo estrutural e à subordinação da mulher, pois atribuía à diferença anatômica entre os sexos à gênese da distinção dos processos psíquicos entre homens e mulheres.

Assim, desde a década de 1920, diversos psicanalistas como Ernest Jones, Melanie Klein, Helene Deutsch e Karen Horney passam a construir propostas teóricas alternativas, que expliquem a mulher por si mesma e não pelo parâmetro freudiano de organização psicosexual masculina.

As principais divergências entre tal grupo e o precursor da Psicanálise estavam em torno de questões como o desenvolvimento do Complexo de Castração, que para Freud seria um processo único para ambos os sexos. O contraponto oferecido por seus opositores enfatiza a importância do período pré-édipico e a imprescindibilidade e relevância da relação mãe-filho – componente que deslocaria o significativo do pai do lugar privilegiado a ele concedido pela estrutura do Édipo. Outros pontos de divergência residiam na existência de uma libido única e masculina – tal qual a questão simbólica do falo, que segundo Cossi (2016) seria um “artifício teórico inerente ao pênis”- e no conceito de “inveja do pênis”.

A tanto ao que acontecia em seu meio intelectual, Freud (1931) chega a comentar algumas das formulações, admitindo inclusive a possibilidade de uma superposição de fases do desenvolvimento no que diz respeito ao Édipo, mas sem abrir mão de suas prerrogativas fundamentais, a partir das quais não existiria uma fase fálica exclusiva das meninas – como proposto por Jones -, e a reafirmação do papel central do falo no desenvolvimento psicosexual de ambos os gêneros.

A partir da década de 50, o psiquiatra e psicanalista francês Jacques Lacan inicia um trabalho de releitura da teoria freudiana, onde busca, de acordo com Roudinesco (1998), no questionamento infinito de Heidegger sobre o estatuto da verdade e do ser, na concepção de Saussure do significante e no estruturalismo de Lèvi-Strauss, as bases filosóficas que tornarão possível desancorar a estrutura freudiana da biologia, reintroduzindo na psicanálise o pensamento filosófico alemão do qual Freud se afasta antes a partir da filosofia hegeliana.

Nos seminários proferidos entre 1953 e 1979, o psicanalista francês inicia sua exposição acerca de questões de extrema relevância em sua releitura, como a organização do inconsciente a partir de uma estrutura análoga à linguagem, desenvolvida a partir da linguística de Saussure (COSSI, 2016, p. 40). A partir de Lèvi-Strauss, formula o conceito de “simbólico” (utilizado posteriormente para a construção de sua tópica R.S.I.: Real, Simbólico e Imaginário), bem como uma releitura da interdição do incesto e do desenvolvimento e resolução do Complexo de Édipo, dentre outros que ocasionarão uma mudança paradigmática na compreensão e

sistematização das tópicas freudianas.

Já na década de 1970, é notável a relevância das formulações lacanianas no meiofeminista: embora haja uma clara distância entre os estudos norte-americanos de gênero (que pretendiam questionar o poder patriarcal de maneira a reconfigurar a estrutura social a partir do estabelecimento de novos modelos de relação de parentesco, trabalho e ideologia de gênero) e o feminismo psicanalítico francês (que deseja fragilizar a estruturapatriarcal pelo viés da linguagem como maneira da propor a alteração do lugar da mulher no discurso), ambos referenciam suas postulações nas afirmativas de Lacan.

I. A QUESTÃO DO FEMINISMO NA ATUALIDADE

Cossi (2017), em sua tese de doutorado intitulada “A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo”, discute a historicidade do feminismo. De acordo com ele, desde o século XIX o feminismo vem colocando em pauta suas reivindicações. As primeiras estiveram mais ligadas à questão da igualdade, pelo direito ao voto, ao trabalho, à igualdade social e política, resumidamente, a tudo o que era permitido apenas ao homem. Depois, para além das igualdades, a demanda foi fortalecer as especificidades de ambos os sexos, no sentido de respeito às diferenças. Nas últimas décadas, a ênfase está na legitimação sexual e formas de identidade.

A princípio, nos anos 20 havia a ideia de que a pouca participação da mulher nos espaços sociais, políticos e de produção seria consequência da maternidade - a função que lhe cabia na época.

Uma das obras que mais reverbera na teoria feminista do século XX é “O segundo sexo”, escrita por Simone de Beauvoir (1949). Da obra tem-se a prerrogativa de que “não se nasce mulher, torna-se”. A autora busca, com a sentença, demonstrar que a concepção de mulher não deve ser estabelecida a partir da definição de homem ou com base na sua anatomia, já que ter útero e ovários não a encerrariam em sua subjetividade.

No segmento feminista norte-americano dos anos 70 já se fala em gênero como algo construído socialmente, influenciado pela cultura e pela época. Logo,

entende-se que ser homem ou mulher, bem como exercer seus respectivos papéis, é algo que se modifica ao longo do tempo. Também é nos anos 70 que o feminismo discute o papel da mulher na família e no trabalho sob um viés crítico, denunciando opressões e explorações. O sistema patriarcal é visto como um mecanismo que subjuga a mulher e surgem propostas para libertá-la. Nesta época, Lacan profere o Seminário XX (1985), no qual cita o famoso aforismo “a mulher não existe”, o que cria uma relevante indisposição entre o movimento feminista - do qual muitas psicanalistas francesas eram parte - e a escola lacaniana, motivada principalmente pela interpretação equivocada de seu aforismo.

Nos anos 90 há uma releitura da questão de gênero, que agora é compreendido para além de algo binário e biologicamente determinado, fixo. Nesta mesma década, o movimento feminista revê sua oposição aos homens, enquanto indaga sobre o lugar de objeto conferido às mulheres.

612

Se Lacan buscou responder àquilo que estava em pauta no movimento feminista da década de 60 e 70, hoje a questão lançada parece ser outra. Trata-se atualmente de tomar a experiência singular e o corpo como bandeira política. O "corpo plataforma" - o que afirma "meu corpo, minhas regras" - serve para aludir também às roupas, sobre as quais elas próprias querem decidir, não aceitando um sentido pressuposto ao desejo delas, por exemplo, o de que se estão com pouca roupa isso significaria uma oferta de si ou convite a qualquer tipo de abordagem erótica (MEES; POLI, 2019).

A resistência feminista se deu não apenas no âmbito social e cultural, mas, também, no âmbito político. No Brasil, especificamente, houve, em 2010, a eleição de uma mulher para presidente. Deu-se, em 2016, o seu impeachment. Entre os motivos que a depuseram, poderiam ser considerados a misoginia ou a estrutura social patriarcal? Há estudos (GERALDES et al, 2016) que apontam nesse sentido e argumentam que a lógica milenar patriarcal ainda reverbera hoje e é profundamente marcada pelo ódio às mulheres e pela insuportabilidade e inadmissibilidade de seu desejo.

Ainda no panorama nacional, mulheres estiveram mobilizadas em 2018 pelo movimento “#elenão” – manifestação histórica que se tornou o maior protesto de mulheres no Brasil. Soma-se às motivações de tal manifestação a comoção pelo assassinato de Marielle Franco, vereadora que lutou por projetos de leis e pautas em

defesa dos direitos das mulheres pretas e faveladas e da população LGBTI (PEIXOTO; PELÚCIO, 2020).

Na conjuntura da pandemia, o papel da mulher novamente volta à discussão, uma vez que, apesar de todas as lutas feministas, em grande maioria são as mulheres as responsáveis pelas atividades domésticas e, sobretudo, pelas tarefas de cuidado com crianças e idosos. O fechamento de creches e escolas reflete principalmente em suas rotinas, uma vez que muitas dessas mulheres cumprem diversas jornadas sobrepostas: profissional, acadêmica, parental, maternal e de cuidadoras de seus lares (CNN, 2021).

Apesar da psicanálise e do feminismo parecerem ter sentidos completamente opostos no que tange a algumas questões, ambos apontam para o desenvolvimento de um indivíduo autônomo, livre e potencial, não figurando como áreas de conhecimento antagônicas ou excludentes (ALVES et al, 2017).

Das principais críticas do feminismo à psicanálise lacaniana, uma das principais gira em torno da escolha do falo como elemento central da sexualidade e do desenvolvimento psicosexual. Também por relacionar o falo às duas únicas posições (ao homem, que tem o falo e à mulher, no sentido de ser o falo), mantendo o significante atrelado à posição masculina. Assim, não raro a psicanálise é tida como binarista, fortemente inclinada aos moldes heterossexuais e falocêntrica – de maneira a favorecerem o patriarcado baseado numa lógica interna.

Prevalece um modelo masculino – percebido mesmo nos termos utilizados na obra de Lacan. À mulher é conferido um lugar de não existência, de enigma. Afinal, majoritariamente a feminilidade era descrita e estudada por homens e, de fato, refletiu parte da estrutura patriarcal da sociedade.

Ao ser mais intensamente estudada por mulheres - grande parte delas partidárias da causa feminista - a teoria psicanalítica vai adquirindo novos contornos: Algumas das teóricas mais comentadas que estudam o feminismo e a psicanálise lacaniana são Luce Irigaray, Hélène Cixous, Michèle Montrelay e Julia Kristeva (COSSI, 2016).

Ambos os campos de estudo têm conhecimentos a serem inter-relacionados.

Gallop, citado por COSSI, já é partidário desse intercâmbio teórico, que pode ter resultados animadores. Na concepção do autor:

“a psicanálise, por exemplo, pode desestabilizar a tendência feminista de aceitar um eu tradicional, unificado, racional, puritano — um eu supostamente desprovido da violência do desejo. O feminismo pode estremecer a tendênciapsicanalítica de se pensar apolítica” (GALLOP, 1982, p. xii, apud COSSI, 2019, p.265).

2. MÉTODO

Foi realizada a revisão sistemática da literatura, sendo a pesquisa feita na plataforma Scielo, utilizando os descritores “mulher”, “psicanálise” e “Lacan” (“mulher AND psicanálise AND Lacan”). A busca se deu em 07 de março de 2021, levando em conta os trabalhos nacionais, publicados nos cinco anos anteriores (de 2016 a 2020).

Foram encontrados 50 artigos e utilizados como critérios de inclusão: (a) publicações nacionais; (b) publicadas no período de 2016 a 2020; (c) que respondam, concomitantemente, aos descritores “mulher”, “psicanálise” e “Lacan”.

Como critério de exclusão, foi empregado: (a) artigos escritos em outra língua que não o português - sendo 1 artigo excluído por este critério - e (b) artigos que não apresentem os descritores “mulher” e “Lacan” (e termos relacionados) também nos resumos dos trabalhos, sendo que, como termos relacionados a “mulher” considera-se feminino, feminismo, feminista, feminilidade, gênero e como termos relacionados a “Lacan” considera-se lacanismo ou lacaniano - motivo pelo qual houve a exclusão de 40 artigos

3. Resultados

Após a leitura dos resumos dos 50 artigos foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, restando 9 artigos – que foram selecionados para a revisão sistemática e lidos na íntegra. Sobre eles, segue abaixo um breve detalhamento.

Quadro 1. Artigos resultantes da revisão sistemática de literatura.

Nome	Ano/ Revista em que foi publicado	Autor (es)	Assunto (s)	Alguns dos conceitos citados
O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade	2020 Psicologia: Ciência e Profissão	Vinícius Moreira Lima Ângela Maria Resende Vorcaro	Investiga como a psicanálise pensa a sexualidade, para além da matriz sexo-gênero- orientação sexual	Gozo Sexual o Falo Objeto a Devastaç ão* Significa nte Semblant e Não- toda
Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação	2020 Psicologia USP	Rafael Kalaf Cossi	Argumenta-se que há suposta orientação patriarcal no pensamento lacaniano, notável nos conceitos e nos próprios nomes atribuídos a estes, a exemplo: nome do pai, lei do pai, metáfora paterna. Problematiza a caracterização do gozo feminino por Lacan e	Gozo Sexual Nome do pai Falo Simbólico Significan te Não- toda (referência ao dizer que a

			sentenças como: “A mulher é não toda; todo é o homem”.	mulher não é toda; todo é o homem) A mulher não existe
Lacan e a experiência mística à luz da psicanálise	2019 Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	Denise Maura no Bruno Albuquerque e	Apropria-se do pensamento de Lacan para aproximar o percurso do analista do percurso místico – onde há uma conexão entre o objetivo da análise e a conquista de uma abertura para o campo do feminino. Diz do gozo Outro e gozo do Outro, a fim de diferenciar a experiência mística (caracterizada pela dessubjetivação) e o surto psicótico (caracterizado pelo aniquilamento subjetivo).	Gozo Sexuação Nome do pai Falo Simbólico Devastaçã o* Significan te

O ser sexual só se autoriza por si mesmo e por alguns outros	2019 Psicologia em Estudo	Pedro Ambrosio da Silva Nelson da Silva Jr.	Foca nos termos “si mesmo” e “alguns outros” buscando entender seus sentidos e intencionalidades para Lacan. Discute gozo em relação ao real/imaginário/simbólico.	Gozo Sexuação Falo Simbólico *Espelho Significante e Semblante *
		Laurie Laufer		
Madeleine e Medeia: Mulheres além da maternidade	2019 Psicologia em Estudo	Cristina Moreira Marcos Thaís Limp Silva	Discute-se a indeterminação do não-todo. Uma vez que a mulher é não-toda na função fálica, onde ela ficaria nessa função? E como constituir um conceito sobre a mulher uma vez que a proposição lacaniana indica que A mulher não existe? Para tanto, a título ilustrativo, conta a história de Medeia e de Madeleine.	Gozo Sexuação Nome do pai* Falo Objeto a Devastação Significante Semblante e A Mulher não existe

<p>Mulheres e Espelhos: a Devastação e o irrepresentável no corpo feminino</p>	<p>2018 Fractal: Revistade Psicologia</p>	<p>Danuza Effegem deSouza Giselle Falbo Kosovsk</p>	<p>A poesia inaugurou o amor cortês. Nele, há a idealização do objeto feminino que, representado pela Dama, é vestido pela beleza. Um dos efeitos desta idealização é o desejo por uma espécie de validação. Assim, “Uma mulher nunca é o falo em si mesma, o que em outras palavras significa consentir em ser tomada como objeto do desejo do outro”.</p>	<p>Gozo Falo Simbólico Espelho Devastação Significante Semblante e A mulher não existe* Sublimação</p>
<p>Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar</p>	<p>2018 Psicologia em Estudo</p>	<p>Ana Paula Musatti - Braga Miriam Debieux Rosa</p>	<p>Relata-se as intervenções feitas por quatro psicanalistas em uma escola pública de SP, por meio de um Grupo de Conversa. Conclui-se que a mulher negra e pobre é, inúmeras vezes, vista unicamente na posição serviu. Conclui, ainda, que muitas das experiências não são nomeadas</p>	<p>Gozo Significante e Semblante</p>

			<p>– o que contribui para um desamparo social e discursivo. Pelo Grupo de Conversa percebeu-se que os adolescentes indisciplinados ou com dificuldade de aprendizagem eram os que insistiam em “denunciar esse lugar de resto em que se sentiam colocados no discurso social”.</p>	
<p>A Verdade do Sujeito e sua Veiculação pelos Nomes</p>	<p>2018 Psicologia: Teoria e Pesquisa</p>	<p>Oswaldo França Neto</p>	<p>Do ponto de vista do autor deste artigo, Lacan propõe transcender a teoria do Édipo e da castração, deslocando a importância do pai em prol da mãe na constituição da feminilidade (a ajudando a apresentar-se). Logo, a afirmação de que a mulher não existe não estaria indicando que a mulher não esteja incluída ou não faça parte, mas sim que ela não se apresenta em si.</p>	<p>Nome do pai Não-toda Devastação A mulher não existe Identificação</p>

<p>A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família</p>	<p>2017 Psicologia: Teoria e Pesquisa</p>	<p>Rafael Kalaf Cossi Christia n Ingo Lenz Dunker</p>	<p>Remete-se às críticas dos apontamentos butlerianos, tendo como base a teoria do Real e das fórmulas da sexuação, de Lacan. Aqui Butler critica o universalismo masculino e sua reificação culturalista do simbólico. O artigo aponta como possibilidade imaginar uma política pós-identitária e desconstrucionista do gênero, capaz de legitimar a existência e promover cidadania aos sujeitos que fogem à norma.</p>	<p>Gozo Sexuação Nome do pai Falo Objeto a Simbólico Espelho * Semblante Não-toda A mulher não existe Pulsão Desejo</p>
--	--	---	---	---

***termos que constam, porém, sem aprofundamento** Fonte: elaborado pelas autoras.

Destes 9 artigos, 3 foram publicados na revista Psicologia em Estudo (da Universidade Estadual de Maringá); 2 na revista Psicologia: Teoria e Pesquisa (da Universidade de Brasília); 1 na revista Psicologia: Ciência e Profissão (do Conselho Federal de Psicologia); 1 na revista Psicologia USP (da Universidade de São Paulo); 1 na Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental e 1 na Fractal: Revista de Psicologia (da Universidade Federal Fluminense).

Os conceitos mais mencionados foram os seguintes: gozo (citado em 8 trabalhos); falo/significante (7 trabalhos); sexualização / semblante (6 trabalhos); simbólico / devastação / nome do pai (5 trabalhos); espelho / objeto a (3 trabalhos). O aforisma “A mulher não existe” foi encontrado em 5 dos 9 artigos. Referências ao texto “O estádio do Espelho” foram feitas em 3 dos 9 estudos. O Seminário 20, de Lacan, foi o mais citado e aparece em 5 dos estudos, seguido do Seminário 18, que figura em 3 deles.

4. Questões conceituais

Os principais conceitos encontrados nos resultados das pesquisas são assim descritos na literatura psicanalítica:

4.1 .O gozo

O gozo seria uma transgressão, algo que proporciona certa satisfação e que é composto de duas partes: a identificação e a repetição (para além do suposto prazer). A fim de distinguir prazer e gozo, Lacan procura mostrar que o gozo muitas vezes ultrapassa os limites do prazer. Seu movimento de busca seria como o do bebê à procura pelo seio da mãe que o nutre – como se fosse uma busca pela coisa perdida, no lugar do Outro, noutro lugar da mãe (ROUDINESCO, 1998).

Tal movimento permaneceria conosco durante toda a vida: a busca incessante por algo perdido, pelo que falta, pela satisfação original do desejo é o que Lacan vai chamar de objeto a.

4.2 O objeto a

De acordo com a definição de Lacan, o “objeto a” seria “a causa do desejo que se furta ao sujeito”, ou seja, algo que é desejado mas que em razão de sua origem inconsciente é um resto não simbolizável, impossível de representar (ROUDINESCO, 1998).

Carrega enquanto conceito relação com a ideia de objeto bom e objeto mau formuladas por Melanie Klein, e de objeto transicional, elaborada por Winnicott.

Seria o objeto a, então, o objeto do desejo que “que se esquivava e que, ao mesmo tempo, remete à própria causa do desejo” (p. 552), o qual nunca seremos capazes de inscrever através da linguagem porque é “uma falta-a-ser”. De acordo com Roudinesco, a identificação de tal objeto com o gozo ocorre a partir daquilo que “se desvincula do simbólico e do significante para ‘cair’, mesmo com o risco de ressurgir no real sob forma alucinatória (foraclusão) (ROUDINESCO, 1998, p. 552).

3.3 A sexualidade (sexuação)

Além de diferenciar prazer e gozo, Lacan também tenta elucidar a questão da sexualidade (e, por consequência, a da feminilidade). Para tanto, sugere fórmulas em sua fase matemática, numa tentativa de se aproximar do que, na época, reconhecidamente apresentaria um rigor técnico. Dessa forma, postulou dois conjuntos - sendo um masculino e outro feminino -, divididos pelo que seria o gozo fálico e o gozo não-fálico.

622

Lacan explica a diferença sexual a partir de quatro proposições lógicas presentes em sua conhecida tábua da sexuação: “todos os homens têm o falo”; “nenhuma mulher tem o falo”; “todos os homens, menos um, estão submetidos à castração”; “Não existe nenhum X que constitua uma exceção à função fálica” (ROUDINESCO, 1998).

Assim, de acordo com Bonfim (2014), a divisão proposta “não corresponde à distinção anatômica entre os sexos, mas se trata de uma posição sexuada determinada no próprio discurso do sujeito, muitas vezes em desacordo com sua anatomia”.

Uma das maiores críticas à tábua da sexuação é que, no que tange à feminilidade, ela “não apresenta um conjunto fechado, e isto impede que se constitua uma classe de mulheres; não existe uma classe feminina como há na ordem do masculino” (VALDIVIA, 1997). Nesse sentido, não haveria uma definição objetiva da mulher num sentido universal. Sua unicidade e a não existência de um significante comum no feminino - tal qual o pênis o masculino - motiva Lacan, à afirmação do aforisma “a mulher não existe”.

3.4 Significante

Conceito advindo da teoria estrutural da língua, desenvolvido por Ferdinand de Saussure (2012), a partir do qual cada signo linguístico é parte de um sistema de valores relacionado a diversos outros signos, que no conjunto resultam na formação de uma língua.

Segundo tal teoria, os signos seriam compostos por duas partes: o significante - uma imagem acústica do conceito - e o significado, que seria o conceito em si. A partir desta ideia e da intenção lacaniana de fundamentar o inconsciente freudiano como conceito estrutural, o psicanalista utiliza-se da teoria linguística de Saussure unida às ideias estruturalistas de Lévi-Strauss (COSSI, 2016, p. 40) e, posteriormente, às teses linguísticas de Jakobson, para sustentar a primazia do inconsciente, oferecendo um sentido lógico à sua teoria do significante e delineando uma definição estrutural do sujeito, que combinava as concepções filosóficas tradicionais do ser humano, a partir da qual o sujeito poderia ser radicalmente livre ou determinado pelas condições sociais.

Para Lacan, o significante exerce função primordial e subjuga o significado, acrescentando em seu raciocínio a importância das cadeias de significantes, através das quais “toda significação remete a uma outra significação” (ROUDINESCO, 1998).

Prosseguindo com o desenvolvimento de sua tese, formula os “pontos de basta”: momentos em que significante e significado se unem para a produção de uma significação e impedem seu deslizamento, de maneira a produzir uma congruência momentânea, que denomina de “pontuação”. Ainda de acordo com Roudinesco (1998, p. 710), é desta maneira que Lacan evolui da teoria da função simbólica do inconsciente - referenciada em Lévi-Strauss - para a lógica do significante.

É neste mesmo sentido que Lacan acrescentaria anos depois a metáfora e a metonímia como conceitos análogos à condensação e ao deslocamento, respectivamente, de maneira a utilizá-los para embasar sua afirmação da estruturação do inconsciente como linguagem, relacionando a estrutura bipolar da linguagem defendida por Jakobson (1991) aos mecanismos utilizados pelo sujeito em sua fala a

partir da similaridade e da contiguidade, a partir das quais essas mesmas unidades de língua seriam combinadas de maneira sintagmática. Esta explanação explicaria o motivo de elegermos uma palavra em detrimento da outra para nos expressar (metáfora), bem como a razão da escolha de duas palavras que produzem continuidade.

4.5 O falo

Em resumo, o falo é o significante que torna possível classificar o homem num conjunto (seja ele castrado ou não castrado). Entretanto, como não existe a mulher não castrada, não existiria também uma exceção à regra da castração. Neste sentido, a mulher carece de um significante determinado, que inviabiliza seu agrupamento em conjunto. Nesta tentativa de denominação, Lacan segue no caminho de totalidade e não totalidade, no caso, estabelecendo o todo para se referir ao conjunto dos homens e o não todo para se referir ao conjunto das mulheres.

624

Lacan fez do falo* (grafado como Falo) o objeto central da economia libidinal, porém um falo desligado de suas conviências com o órgão peniano. Dentro dessa ótica, o falo é assimilado a um significante* puro da potência vital, dividindo igualmente os dois sexos e exercendo, portanto, uma função simbólica. Se o falo não é um órgão de ninguém, nenhuma libido masculina domina a condição feminina. O poder fálico não mais é articulado com a anatomia, e sim com o desejo* que estrutura a identidade sexual, sem privilegiar um gênero em detrimento do outro (ROUDINESCO, 1998, p.155).

Lacan ainda lança um novo olhar em relação ao Édipo, que se transforma e ganha uma nova configuração, articulada por dois significantes específicos – o Nome-do-Pai e o falo.

4.6 O nome-do-Pai (ou o não do pai)

Termo conceituado por Lacan (1956) em no seminário “As Psicoses” para o desígnio do significante da função paterna. Segundo Lacan, a questão edípica poderia ser interpretada como a passagem do homem do biológico para o cultural.

De acordo com Marcos e Sales (2017, p. 576), no Édipo “a criança deve abrir mão de seus desejos primordiais para alcançar a entrada no registro cultural e

civilizatório”. Nesse sentido, ela seria interdita pelo pai. O pai seria o principal sujeito no complexo de castração, delimitando a relação entre filho e mãe, ao desejo a ela direcionado, ao mesmo tempo em que sugere à criança outros objetos de investimento libidinal.

Diferentemente do mito edípico que assevera o pai como castrador e promotor do desejo, Lacan retifica a posição paterna, que não é castrar, tampouco instaurar o desejo, pois estas operações são anteriores ao pai (MARCOS; SALES, 2017).

Nesta oportunidade, a função exercida pelo pai seria puramente simbólica: através do ato de nomear, ele passaria a simbolizar a lei, sendo o ponto a partir do qual a criança adquiriria sua identidade. Esta função seria mais tarde chamada por Lacan de “metáfora paterna” (MARCOS; SALES, 2017).

Assim, o pai universal que dita a lei e interdita o filho é deslocado para outro lugar. Lacan em um primeiro momento lhe oferece atributos lógicos como um elemento primordial de simbolização, mas no momento seguinte reconhece que tal elemento não é universal; antes, é uma variável em uma função, isto é, pode ser ocupado por qualquer outro elemento. Portanto, resta sempre saber o que serviu como pai para cada sujeito em sua história. Desta forma, há que se falar em “posição paterna”, não propriamente no pai concreto.

Lacan não retroage à ideia de um pai concreto. Antes, ele passa a privilegiar com mais vigor o registro da “singularidade” em detrimento da categoria lógica “universal”. O pai é um significante, um nome, um operador que apenas pode ser analisado na singularidade de cada sujeito. Em suma, ao pluralizar o nome do pai, Lacan insere um questionamento sobre o desejo e o gozo presentes na estruturação subjetiva de cada sujeito (MARCOS; SALES, 2017).

É no Seminário 3: “As Psicoses” (Lacan, 1956), durante um comentário sobre o caso Schreber em seu seminário sobre a paranóia que Lacan denomina tal função como “Nome-do-Pai”.

4.7 Estádio do espelho

Segundo Roudinesco (1998, p. 194), o estágio do espelho é uma operação psíquica que ocorre entre os seis e os dezoito meses de vida e que compreende a inauguração da noção de sujeito a partir de sua identificação com a imagem de seu

semelhante. Através dele, tal processo - realizado pelo do inconsciente - resultaria na apreensão da noção de uma imagem total de si. Empiricamente, uma vez que a criança vê sua imagem no espelho, passa a buscar no outro a referência de que aquela é a sua própria imagem, o que lhe possibilita construir sua noção do Eu, deixando a imagem do corpo fragmentado para assumir a imagem do corpo unificado, inaugurando sua noção de imaginário através deste processo simbólico, que possibilita a instituição de uma relação sua com a realidade que lhe circunda.

4.8 Simbólico

O termo já estabelecido na antropologia é utilizado por Lacan (1953) para designar o sistema de representação no qual se baseia a linguagem, a partir de signos e significações que lhe possibilitam de maneira inconsciente e consciente operar sua competência de simbolização. Também é admitido como o lugar do significante e da função paterna.

626

A formulação do conceito passa a compor junto aos construtos do Real e do Imaginário a tríade da tópica lacaniana, e pressupondo que a partir da função simbólica dos elementos apreendidos pelo sujeito seja possível, através de um tratamento apoiado em seu próprio discurso direcionado ao analista, encontrar a cura.

Apoiado na definição de que os símbolos seriam mais reais do que aquilo que simbolizam, Lacan constrói sua tópica, que é composta além dos três elementos já citados, por um quarto (a “função de parentesco”), possibilitando uma nova perspectiva, onde a função simbólica seria o núcleo inconsciente a partir do qual as múltiplas vivências particulares de cada sujeito se organizariam, de maneira que a noção da parentalidade possa sobrepor a passagem do matriarcado para o patriarcado presente na constituição edípica.

4.9 Semblante

Embora a noção de semblante já houvesse aparecido em seminários anteriores, é no ano de 1971, (LACAN, 2009) que Lacan introduz formalmente seu conceito. Sua utilização do termo em momentos antecedentes conferiu a esta palavra,

a priori, um significado aproximado da expressão francesa *faire semblant* - cuja tradução mais próxima seria “fingir”. Derivada do latim *similare*, a palavra *semblant* traz em si também a ideia de algo que se assemelha.

Para a elaboração deste conceito, Lacan postula uma relação em que a verdade sustentaria o semblante, e para tornar tal tese mais inteligível, constrói um matema do discurso para demonstrá-lo, que é apresentado no Seminário 17 (LACAN, 1992):

$$\begin{array}{c} \underline{\text{agente}} \rightarrow \underline{\text{outro}} \\ \text{_____} \text{verdade // produção} \end{array}$$

Nele, podemos notar o agente situado acima da barra e a verdade abaixo dela. Posteriormente, quando o agente é absorvido (e não substituído) pelo semblante, Lacan aponta que a dimensão da sustentação do semblante é composta por uma “*dit-mension*” (que seria traduzida como diz-mansão, ou “mansão do dito”), que acaba por encobrir o real. Dessa maneira, articula o título “De um discurso que não fosse semblante” à verdade, argumentando a relação que estabelece na criação deste neologismo a partir das afirmativas de que a verdade não se opõe ou contraria o semblante, e que o fato de estar localizada abaixo da barra não significa que esteja recalçada ou suprimida pelo semblante, mas que o está sustentando. Assim, o termo “semblante” está mais próximo da verdade: uma verdade da qual “só se sabe alguma coisa quando ela se desencadeia”, sendo verdade e semblante indissociáveis, já que ela oculta e sustenta o que é da ordem do real.

627

Lacan transforma o semblante num conceito que indica aparência, representação e parecer, porém que não se opõe ao verdadeiro” (QUINET, 2018, p. 392 apud KRINSKI; MADEIRA; MOSCHEN, 2019, p. 804-805).

Ao discutir o semblante e o discurso, Lacan aponta que o semblante é o significativo com toda sua produção simbólica e imaginária. De acordo com Moreira, “por trás do semblante há sempre um significante-mestre” (2017, p.88), que seria o responsável pela primeira identificação do sujeito - um significante recalçado, a princípio sem sentido para o indivíduo.

Não apenas a psicanálise seria capaz de operar com o semblante mas também outros discursos, como por exemplo: “o discurso do mestre com o semblante do

poder; o discurso da histórica com o semblante do desejo; o discurso do universitário com o semblante do saber e o discurso do capitalista com o semblante do sucesso” (MOREIRA, 2017, p. 86).

4.10 Devastação

A devastação pode se dar primeiramente na relação entre mãe e filha, na qual a filha busca atender uma demanda que não é suprida, e posteriormente, pode se estender às relações amorosas que a mulher assume, nas quais irá buscar, no outro, o significante de seu desejo.

A resolução da questão da inveja do pênis influenciará a atitude da menina em relação ao próprio corpo e à sua mãe - com a qual ocorre, via de regra, sua primeira relação objetual: a ciência de sua castração ocasiona a diminuição do investimento libidinal da menina na mãe, já que atribui a ela a culpa por não possuir o pênis. Simultaneamente, aproxima-se do pai por crer que ele será capaz de lhe proporcionar tal objeto fálico, situação que marca sua entrada no Complexo de Édipo, pois além da mudança do objetivolibidinalmente investido, o afeto anterior passa a ser substituído por ódio direcionado à mãe.

Porém, para que a criança demande ao pai é preciso que ela saia da posição de falo, complemento da mãe. Se isso não ocorre, a criança fica na posição de “fetiche da mãe”, ou na posição de dejetivo. É essa última posição que leva a menina à devastação, pois dessa maneira a mãe permanece na posição de Outro real, Outro de gozo para a criança (SILVA, 2008).

A devastação se dá quando a menina enxerga na mãe a responsável pela sua falta. Nas relações amorosas, poderá buscar este mesmo lugar – onde o gozo se dá em excesso, onde há uma demanda desmedida por ser o objeto de desejo.

5 DISCUSSÃO

Compondo a efervescência teórica e epistemológica do início do século XX, a psicanálise e o feminismo surgem de maneira contemporânea, intercalando convergências e divergências que variam a partir daquele que se dispõe a analisá-las, principalmente no que diz respeito a algumas premissas centrais de ambas, como os conceitos de sexo, gênero e gozo, que possibilitarão análises antagônicas dependendo

do referencial adotado.

De acordo com Cossi (2018), a partir da leitura feminista, a visão psicanalítica da mulher é politizada e colocada em perspectiva no contexto sócio-histórico das identidades sexuais, permitindo a análise longitudinal do papel ocupado pelo feminino ao longo do desenvolvimento do funcionamento político das instituições.

Além disso, num lugar onde a mulher passa a ser a protagonista da teorização do feminino, também são postas em cheque questões acerca do suporte fornecido pela teoria psicanalítica ao sistema patriarcal - do qual seria uma das pedras angulares - e permitiria a manutenção e perpetuação de sua estrutura.

A década de 20 é marcada por um grande volume de produção psicanalítica, que até então partia do pressuposto de que tanto a participação social modesta da mulher, quanto seu desenvolvimento psicosssexual seriam justificados pelo determinismo biológico, fator que explicaria sua postura e personalidade a partir da função reprodutiva e secundária, a qual lhe foi historicamente designada.

Buscando a mudança de tal paradigma surge a busca da sistematização da mulher não referenciada ao modelo da organização psicosssexual masculina - no qual já ocupa um lugar de ausência, de falta, de não ser - mas, por si mesma, onde a relação primordial e dominante do desenvolvimento passa a ser a relação mãe-filho, invertendo a ordem estabelecida por Freud, na qual ocorreria primeiro o complexo de Édipo e depois o complexo de castração, subvertendo a importância do papel paterno.

Neste período, embora Freud reconheça sua dificuldade em sistematizar o processo de desenvolvimento psicosssexual feminino e a importância de tal feito (FREUD, 1931), o criador da psicanálise não abre mão de suas prerrogativas e nega a existência de uma fase fálica exclusivamente feminina - como admitia Jones (1927), onde esta se constituiria mais de uma função protetora que de um estágio do desenvolvimento em si, mantendo o falo como elemento central para ambos os sexos e admitindo apenas a possibilidade da superposição dos elementos no desenvolvimento feminino, não a superação de sua formulação.

Em 1949, ao escrever *O segundo sexo*, Beauvoir evidencia a relevância dos fatores externos para o desenvolvimento da mulher, tese sob a qual desenvolve seu aforisma

“não se nasce mulher, torna-se mulher”. Tal postulação é desenvolvida com base no construcionismo de Lévi-Strauss (Beauvoir, 1949), e denuncia que a mulher não é vista como o oposto do homem - no sentido em que seria possível uma polarização, uma dicotomia -, mas como o seu negativo, sua falta, um não-ter.

Enquanto o masculino é o absoluto, o feminino seria o não-existir ou o existir designado a um lugar hierarquicamente inferior, condenado ao privado e encerrado no subjetivo. Assim, não haveria maneira de pensar o feminino senão referenciando-o através do masculino, tornando a mulher impensável sem o homem, pois enquanto ele é sujeito, ela é o Outro, de modo que a teoria freudiana estabelece uma relação dialética com o patriarcado, embasando cientificamente a manutenção da estrutura já existente.

A partir dos anos 50, com o desenvolvimento do trabalho de John Money (1955) nos EUA, surge o termo “gender”, que passará a denominar a identidade sexual. O estudo que inaugura a questão é realizado a partir de um estudo de caso de gêmeos intersexuados a traz a hipótese do desenvolvimento de um “sexo social”, onde a educação e o ambiente teriam influência determinante no desenvolvimento da estrutura psicosexual, ideia que vai de encontro ao aforisma Beauvoriano, uma vez que ressalta a ausência do sentimento inato de ser homem ou mulher.

Em 1964, com a criação da expressão “Núcleo de Identidade de Gênero” por Robert Stoller (1984), torna-se ainda mais proeminente o fator social e cultural do desenvolvimento psicosexual, até que em 1970 o feminismo se apropria do vocábulo “gender”, utilizando-o como argumento para contestar a premissa naturalizante da diferença entre os sexos e reforçar a afirmação da construção social do gênero e sua possibilidade de variação conforme a época e a cultura. Tais afirmações trazem o questionamento dos papéis e atribuições sociais que até aquele momento eram divididos de acordo com o sexo biológico do indivíduo. Mas, se o gênero é uma produção social, isso significaria que os papéis sociais poderiam ser cambiáveis, tanto que ainda hoje temos vários debates sobre o que seria a mulher e sobre qual seria o seu papel. É justamente este o ponto que motiva a buscar como a mulher é retratada conceitualmente em estudos que tem como base a perspectiva lacaniana.

Pelos artigos selecionados para análise, neste trabalho, percebe-se que os aforismas e algumas das terminologias utilizadas por Lacan para o entendimento do que seria o feminino e o masculino são, frequentemente, alvo de debates. No entanto, Lacan, para além de apontar dois tipos de sujeito, sugere que os indivíduos se orientam em relação às suas posições de gozo, que terminam refletidas em suas posições discursivas.

O texto “O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade” (LIMA & RESENDE VORCARO, 2020) traz um pouco deste ponto de vista ao argumentar que homem/mulher seriam significantes sem significado pré-concebido, e dependentes do indivíduo que os assume discursivamente (no que se diz homem ou se diz mulher). Assim, por seu discurso os indivíduos mostram um traço de seu gozo (gozo fálico e/ou o gozo não-todo). Sob este ponto de vista, passa a ser refutada a ideia de que o gênero tem uma identidade fixa, por exemplo.

631

Como consequência, “homem”, “mulher” e outras pretensas identidades não passam de significantes, sem nenhum significado *a priori*; por isso, dependem sempre de um sujeito que os assuma discursivamente, reconhecendo neles um traço de seu gozo, mais além dos sentidos imaginários que possam aí se vincular. Nessa direção, o gênero não é mais concebido como uma identidade de si consigo mesmo, mas antes como um semblante, um significante-mestre (Si) que representa o sujeito no laço social. Assim, cada ser falante devem compor sua forma de “ser *dito* homem”, “ser *dito* mulher” ou de articular a outros semblantes o gozo fálico e/ou o gozo não-todo. Disso depreendemos que a sexuação implica uma maneira singular de coordenar um semblante ao seu modo de gozar da castração (LIMA; VORCARO, 2020).

Por sua vez, o texto “A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família” (COSSI; DUNKER, 2017), diz do olhar de Butler sobre o tema. De acordo com este estudo, Butler recusa o postulado da binaridade dos sexos expresso pela centralidade do falo como organizador único da sexualidade. Seu caráter ontológico, denunciado por expressões como *ser*, *ter*, *falta-em-ser* e por suas predicções conceituais como um *significante impronunciável*, constitui uma contradição intrínseca à estratégia lacaniana.

Porém, o que seus autores acrescentam (COSSI & DUNKER, 2017) é que Butler não percebe a crítica que Lacan infere à identidade, já que para ele “o caráter ontológico da identidade é uma ilusão imaginária”. Explicam:

(...) Lacan se interessará pela não-identidade do objeto da economia libidinal, chamado de objeto *a*, bem como pela experiência de corrosão da identidade que ele descreve com a categoria de gozo. Finalmente, ele enfatizará a não identidade ontológica com seu conceito de Real, desenvolvido nos anos 1970 e decisivo para entender a sua nova teoria da sexuação (COSSI; DUNKER, 2017).

A obra de Lacan esteve, ao longo do tempo, sob diferentes influências (estruturalismo, física, cibernética, matemática). Por este motivo, Cossi e Dunker (2017) pontuam o pensamento do autor nos anos 1970, a partir da qual compreendem:

O aforismo lacaniano "A mulher não existe" (1985/1972-73) denota que não há um significante próprio que represente as mulheres como um conjunto em totalidade. Não há o universal das mulheres, como acontece do lado dos homens. A feminilidade não é marcada pela incompletude, mas pela inconsistência de um conjunto lógico. Diferença torna-se aqui dotada de duas propriedades novas: a indecibilidade de seu sentido e a indiscernibilidade de sua existência. De uma mulher não se deduzem as outras do conjunto, as mulheres devem ser tomadas uma a uma (COSSI; DUNKER, 2017).

632

O autor de "A Verdade do Sujeito e sua Veiculação pelos Nomes", França Neto (2018), corrobora com este ponto de vista e entende que a afirmação de que a mulher não existe não estaria indicando que a mulher não esteja incluída ou não faça parte, mas sim que ela não se apresenta em si. Não seria a Mulher, desta maneira, discernível ou separável como elemento. De acordo com França Neto (2018), ao chamar a mulher de não-toda, Lacan também não estaria propondo enxergar a mulher como extensão, negação ou contradição, mas sim indicando, com a expressão não-todo feminino, a perspectiva do infinito, a existência indeterminada.

Já em "Madeleine e Medeia: Mulheres além da maternidade" (MARCOS & SILVA, 2019), temos a história de duas delas. Medeia encontrava-se obediente à norma fálica – cumprindo o papel de mulher, esposa e mãe –, até ser abandonada pelo marido. A partir deste momento, ela se mostra disposta a sacrificar os próprios filhos, que "eram os objetos que tinham mais valor para Jasão", seu marido. Em sua vingança, Medeia atua como mulher traída e não como mãe. Assim, é possível ver, nela, a mulher e a mãe "disjuntas" e a subversão da lógica fálica maternal. Seu ato é o

que surge como consequência da subversão da lógica fálica maternal pela lógica não-toda. Madeleine também perdeu o amor do marido Gide e queimou as cartas que ele a enviava (cartas estas que Gide tinha como a obra de sua vida e pelas quais sofria como quem sofre pela perda de um filho). Este artigo pretende mostrar que a mulher não se define, portanto, como mãe: “[...] o verdadeiro em uma mulher, se mede por sua distância subjetiva da posição de mãe”.

Medeia e Madeleine contradizem, se podemos dizer, o desejo da mãe e buscam a castração do homem sacrificando a representação do falo por excelência, os filhos para a primeira, e as cartas de Gide, para a segunda. Leguil (2015) propõe que o ato deva ser tomado, neste caso, como um modo de fazer o outro entender que há uma mulher (MARCOS; SILVA, 2019).

Em “Mulheres e Espelhos: a Devastação e o irrepresentável no corpo feminino” (SOUZA & KOSOVSKI, 2018) há a discussão do conto Branca de Neve, cuja narrativa nos traz a versão da mulher atormentada pela própria vaidade e ameaçada em sua existência pela beleza da enteada, vista por ela como rival.

633

O texto (SOUZA; KOSOVSKI, 2018) assegura que, na versão de Lacan, a poesia inaugurou uma forma de amor que alterou o modo de abordagem do feminino: o amor cortês. Nele, há a idealização do objeto feminino que, representado pela Dama, é vestida pela beleza. Seria uma espécie de sublimação responsável por esvaziar o objeto feminino de sua real substância. Um dos efeitos culturais desta idealização é a postura tida pela mulher moderna que clama, diante do espelho, por uma espécie de validação, mesmo que imaginária. Tal fato se mostra, por exemplo, na busca, compra e internalização de referências, modelos, marcas e estilos. O espelho, por sua vez, se torna o olhar do Outro, como metáfora. De acordo com este artigo (SOUZA; KOSOVSKI, 2018), “uma mulher nunca é o falo em si mesma, o que em outras palavras significa consentir em ser tomada como objeto do desejo do outro”.

Assim, “para que uma mulher encontre uma forma de se colocar numa posição feminina, é por vezes necessário que ela se sinta abrigada, olhada e margeada pelo desejo de um outro que a singularize, numa relação que se revela constitutiva” (SOUZA; KOSOVSKI, 2018).

Este estudo (SOUZA; KOSOVSKI, 2018) também traz à discussão a questão da devastação. A ideia é que a mulher se apropria de si quando se percebe por meio do

Outro. No entanto, quando este Outro não lhe dá “consistência”, ela pode, inclusive, não se perceber, se sentindo inexistente. Nas palavras das próprias autoras: “uma mulher devastada, portanto, está tomada por um gozo que não pertence ao registro fálico, uma dor que a leva a uma perda de si mesma, uma espécie de apagamento subjetivo, e que, não obstante, satisfaz” (SOUZA; KOSOVSKI, 2018).

Em “Madeleine e Medeia: Mulheres além da maternidade” (MARCOS; SILVA, 2019), o mesmo conceito aparece. De acordo com o autor, “ao direcionar-se a um parceiro, a mulher vai em duas direções: ao falo, o que é circunscrito, e ao S(A), infinitizando sua demanda de amor. Quando a demanda de amor não pode ser correspondida na parceria, a devastação impõe sua face” (MARCOS; SILVA, 2019).

Tanto na idealização quanto na devastação, o olhar do Outro se faz primordial. Por meio dele busca-se o reconhecimento de quem se é (o que muitas vezes se sobrepõe ao que o sujeito sente ser). Tal fato contribui para o mal-estar nas mulheres, que assistem e podem se ver influenciadas pelos efeitos culturais das representações simbólicas idealizadas, a partir da internalização de referências que perpassam seu ser e seu própriocorpo.

(...) o corpo não nos é dado naturalmente e não equivale ao organismo. Seus contornos se constituem na relação com o semelhante, em experiências precoces de prazer e desprazer, mediadas pela linguagem. Esta funciona como um tecido significante que vai recobrir o organismo, humanizando a carne e livrando o sujeito em constituição do desamparo e do despedaçamento, que são experiências originais, erguendo-o da existência real à dimensão simbólica (SOUZA; KOSOVSKI, 2018).

Logo, uma vez que o reconhecimento do outro interfere na formação e na concepção da identidade do eu, e que as representações simbólicas delineiam praticamente tudo, inclusive o conceito de masculino/feminino, à ideia de homem/mulher, entre vários outros, tem-se que “a lógica de reconhecimento se dá por uma generalidade” (AMBRA; SILVA JR; LAUFER, 2019).

No artigo “Lacan e a experiência mística à luz da Psicanálise” (MAURANO; ALBUQUERQUE, 2019), os autores abordam, a partir de diversos Seminários de Lacan, a hipótese de tal autor possibilitar uma nova via para a abordagem da experiência mística na qual o fim do processo analítico ocasionaria uma abertura para o campo do feminino, discordando da comum relação atribuída pelos campos

psicanalíticos, psiquiátricos e psicológicos da experiência mística com sintomas histéricos ou psicóticos. Tal proposta é baseada, segundo os autores (2019), na afirmativa lacaniana que essa modalidade de experiência ultrapassaria os campos da linguagem, e da sexualidade e apontaria para um gozo mais além (ou aquém) do fálico, situando a analogia entre homem e divindade pela perspectiva da posição feminina.

Desta maneira, a experiência com Deus encontraria-se não mais no registro simbólico do nome do pai, mas no registro do Real, direcionando-se ao feminino, sendo possível um gozo Outro “fora do sexo, não fragmentado pela secção sexual, nomeado porele de gozo feminino, no qual se frui não da afirmação viril, fálica de si mesmo, mas sim da experiência de dessubjetivação” (2019, p. 446). Entretanto, segundo os autores (MAURANO; ALBUQUERQUE, 2019), a experiência do gozo Outro só é possível se a estrutura psíquica foi constituída e organizada a partir do Complexo de Édipo, que tem o Nome-do-Pai como significante estrutural do psiquismo, o que possibilita que o sujeito tome nele uma posição. Assim, ao fim do processo analítico, o sujeito perceberia que a construção Simbólico-Imaginária seria não uma tela, mas uma janela para o Real, que tornaria possível a expansão dos moldes rígidos a partir dos quais as relações são constituídas com o mundo.

O artigo “Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar” (MUSATTI-BRAGA, 2018) trata da observação de questões não- ditas relacionadas ao feminino no cotidiano escolar comuns a um estrato social e uma forma de organização familiar específica, constituída sem a presença dos pais no mesmo. Tal hipótese surge de um trabalho realizado em uma escola municipal de São Paulo, onde a partir do estabelecimento de grupos de conversa quatro psicanalistas buscaram compreender na escola situações que via de regra seriam encaminhadas para atendimento psicológico individual ou seriam resolvidas com a expulsão dos alunos que apresentavam comportamentos avaliados como demasiado agressivo - os quais, segundo a autora

(MUSATTI-BRAGA, 2018), poderiam ter sua origem por não encontrar modos de se inscrever no discurso.

De acordo com Musatti-Braga (2018), o não-dito presente no discurso dos adolescentes estaria relacionado às suas mães a partir da significação imaginária de “mal-falada” que lhes era imposta pela ordem social - neste contexto representada pelos educadores, uma vez que foi percebido que aquele não era um fenômeno exclusivamente local. Tal dinâmica estaria diretamente relacionada às reações intensas e nomeadas agressivas tanto dos autores como de suas mães, sendo justificadas pela suspeição constante acerca da reputação destas mulheres.

A hipótese na qual Musatti-Braga (2018) fundamenta sua formulação baseia-se na ocorrência da transmissão de estruturas não só de valores e tradições pelas gerações, mas também de significantes do desejo, do gozo e do sintoma a partir da posição discursiva ocupada social e historicamente por seu antecessor, posição esta que é socialmente corroborada pelo Outro, que no papel das educadoras cobram das mães situadas num estrato social inferior uma posição exclusivamente materna - ainda que inconscientemente -, de maneira que qualquer discurso que manifeste algum desejo não relacionado à maternidade é criticado e reprovado, tornando o lugar de mãe o único legítimo para a existência digna e respeitosa destas mulheres, que segundo a autora (MUSATTI-BRAGA, 2018) seriam herdeiras do estigma de “putas” por não se encaixarem no padrão perpetrado desde a época colonial pelo Estado e pela Igreja de “boae santa mãe”. Assim, Musatti-Braga (2018) conclui que ser mãe contemplaria a articulação de todas as esferas da existência feminina, findando-se em si mesma e ocasionando não apenas o distanciamento, mas o desaparecimento do significante “mulher” entre o lugar discursivo da “mãe” e da “puta” para as mulheres de tal estrato social, o que justificaria o aparente exagero contido na reação tanto dos adolescentes como de suas mães como sintoma de um dito impossível de ser inscrito, que surge como resposta às situações experienciadas por eles como de violência ou submissão.

Somaria-se a tal posição discursiva ainda a ausência paterna - que segundo o discurso social acarretaria prejuízos de desenvolvimento ou justificaria

comportamentos agressivos nos adolescentes, além de se desdobrar também na ausência masculina responsável por atestar a integridade moral e garantir à mulher a inviabilização ao acesso de seu corpo que até então estaria sujeito a ser mexido ou falado - e o local de submissão ocupado na dinâmica de dominação em razão de traços identificatórios que remetem a mulher negra ao processo de escravização, onde estas eram literalmente propriedades, dessubjetivadas, objetificadas e reduzidas a uma única unidade que ocupa lugar pré- estabelecido pelo imaginário social brasileiro na rede discursiva: o de servidão (atualizado no lugar de funcionárias de serviços domésticos), designando-as a um lugar de resto - ao qual se sentem designados no discurso social os indisciplinados submetidos ao desamparo discursivo -, deslegitimando seu campo pulsional, ocasionando desamparo discursivo, destituindo-os de seus direitos e desejos, provocando o silêncio pela falta de reconhecimento de si próprio no lugar do discurso e impossibilitando seu endereçamento ao Outro, que termina por eclodir de maneira deveras agressiva.

637

Diante disso, Musatti-Braga (2018) conclui que as desigualdades sociais e raciais causam efeitos subjetivos próprios do campo pulsional, que desumanizam o sujeito e o rebaixam ao campo animalesco, e propõe como saída o oferecimento de uma dinâmica analítica que privilegie questionamentos e possibilite a recolocação no campo humano através da composição de um campo discursivo em que suas experiências possam questionar os significantes ofertados pelo discurso social para o surgimento de formas de reconhecimento distintas do discurso hegemônico.

A questão do “eu” e os “outros” faz parte da discussão no artigo “O ser sexual só se autoriza por si mesmo e por alguns outros”. Tal artigo foca nos termos “si mesmo” e “alguns outros” buscando entender seus sentidos e intencionalidades para Lacan. De acordo com a proposta lacaniana, parece ser possível pensar num resgate da importância da singularidade do eu e da marca de gozo (não redutível ao falo), bem como no resgate da dimensão coletiva de autorização ao sujeito – que se percebe entre o “si mesmo” e o “alguns outros”. Mostra, ainda, que é “entre o imaginário de uma unificação corporal alienada e a marca de um gozo real que se dá a autorização, sempre antecipada, do ser sexuado” (AMBRA; SILVA JR; LAUFER, 2019).

Nesse sentido – e pensando também na dimensão coletiva do sujeito – é possível entender que os discursos e as nomeações ganham uma função política. Aliás, isso contribui para que alguns dos estudos critiquem parte dos termos utilizados por Lacan a longo de suas obras. O artigo “Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação”, (COSSI, 2020) por exemplo, argumenta que há suposta orientação patriarcal na leitura de Lacan, notável nos conceitos e nos próprios nomes por ele atribuídos, tais como: nome do pai, lei do pai, metáfora paterna. Este artigo também problematiza sentenças como: “A mulher é não toda; todo é o homem”. Cossi (2020), diz ainda que “Lacan teria mantido a mulher presa a uma versão negativa do Édipo e às garras do falo, agora alçado ao status de significante”. Isto para demonstrar que Lacan não abandona o modelo de sexo; apenas o faz com o aval dos recursos simbólicos da linguagem – o que não representa a visão do feminino que está presente no movimento feminista francês.

638

A leitura dos estudos selecionados para este trabalho leva a refletir sobre o papel da mulher e, inclusive, sobre uma suposta expectativa de que a psicologia não mantivesse a terminologia tradicional ao se referir à ideia de gênero. Entretanto,

essa nomeação como “masculino” e “feminino” constitui uma tentativa de Lacan de cernir as formas historicamente constituídas de distribuir os gêneros entre os dois modos de gozo. Dessa maneira, “homem” e “mulher” seriam semblantes que a cultura nos oferece para nomear as posições de gozo que podem orientar um sujeito. Trata-se de performativos, que dependem de uma assunção subjetiva e de repetições ritualizadas para funcionarem como uma orientação precária no discurso (LIMA; VORCARO, 2020).

Vale lembrar que Lacan faz o movimento de desnaturalizar a sexuação ao ancorá-la em processos de inscrição na linguagem, de modo que não é por “nascer homem” que um sujeito seria todo fálico, tampouco por “nascer mulher” que um sujeito seria não-todo fálico. Pelo contrário, essa lógica é invertida: é pela sua posição no discurso que se poderá dizer do sujeito se ele se inscreve no lado fálico ou no lado não-todo fálico (Soler, 2005). Assim, a sexuação diz respeito ao modo com que cada ser falante aparelha seu corpo para o gozo, mais além das supostas determinações de sua anatomia (LIMA; VORCARO, 2020).

Logo, percebe-se que há uma tentativa de desnaturalização da sexualidade, ainda que Lacan também se utilize de termos hegemônicos ao tratar do assunto, o que nos leva a entender que, na perspectiva do autor, a ideia seria muito mais colocar em questão a singularidade da mulher do que a definir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento feminista vem denunciar e modificar o lugar de opressão ao qual historicamente as mulheres vêm sendo designadas e é marcado por questões como a inacessibilidade do gozo e a rejeição da ideia da hegemonia do significante masculino, a partir do qual a mulher termina referenciada por terminologias como “continente obscuro”. Mais que buscar igualdade e trazer à luz questões indiscutivelmente relevantes na contemporaneidade, a busca pela especificidade do feminino independente do masculino transforma-se em pauta ainda nos anos 70 e perdura até os dias atuais.

Ainda que o aforismo lacaniano sobre a não existência da mulher seja verdadeiro, o feminino existe, e as saídas possíveis para a resolução de suas questões edípicas deveriam apresentar alternativas além de propostas centradas na primazia do falo, como a maternidade e a devastação.

639

Sobre este tema, a questão central que permeia desde os anos 70 as discussões entre feministas e lacanianos é a relação paradoxal da Psicanálise com a estrutura patriarcal: uma vez que a estrutura social patriarcal manteve-se próspera ao menos desde a revolução francesa, fundamentada sob o mesmo paradigma, o qual designa a mulher ao privado, aos cuidados familiares e à maternidade, e atribui ao homem o exercício da política e o livre trânsito público, respaldando inclusive seu interesse sexual em outras mulheres como ferramenta de regulação de estabilidade do matrimônio. Foi-se desenhando no imaginário cultural uma “cartografia moral da diferença sexual” (BIRMAN, 2016), de modo a normalizar a atribuição de tais questões às diferenças biológicas entre o homem e a mulher.

Ocorre que Freud e Lacan sistematizaram seus constructos teóricos de acordo com as posições de discurso que ocupavam, com as relações simbólicas que desenvolveram a partir de seus contextos individuais e de acordo com a cultura de suas épocas. Como herdeiros da já citada ordem social, as sistematizações de suas teses terminam por originar formulações que adotam o homem e o falo como pressupostos inquestionáveis e protagonistas das elaborações acerca do desenvolvimento psicosexual infantil e de todos os demais conceitos e propostas desenvolvidas durante

suas intensas produções.

Questiona-se então a utilização destes mesmos referenciais para organizar os processos de desenvolvimento psicosssexual feminino - questão que passou a ser abordada cerca de vinte anos após a inauguração da Psicanálise. A reflexão decorrente desta explanação compreende que, enquanto o referencial masculino for utilizado para a elaboração de questões relacionadas ao feminino, as formulações resultantes prosseguirão equivocadas ou incompletas, dado que tal estrutura encontra-se subjugada à função fálica. Como consequência, a mulher continuará julgada como ser misterioso, classificada como não-toda e castrada.

Assim, no que tange às questões de gênero, o feminismo busca situar a mulher no nível equivalente ao do discurso masculino, de maneira que seja possível identificar nas formulações teóricas, sua aproximação com a mulher do real tanto quanto for possível através da linguagem, já que esta reside fora do alcance de qualquer cadeia significativa que possa defini-la ou limitá-la, e que os nomes que instituirão a ideia do que é “A mulher” servirão de apoio para a identificação - nunca para sua determinação.

Sobre Lacan, compreende-se que seu intuito foi demonstrar que a mulher não existe enquanto conjunto universal, restando a cada uma a tarefa de exprimir sua feminilidade, dentro de uma diversidade indiscutível. A partir das práticas de gozo (que dizem sobre os papéis sociais assumidos), Lacan busca nomeações que terminam por esbarrar em concepções masculinas – o que lhe rende críticas, como a de que seu discurso seria falocêntrico, binário e heterossexual. A questão é que tais críticas surgem em decorrência das sistematizações e afirmações realizadas ao longo de sua própria produção teórica, como em ambiguidades referentes às fórmulas da sexualização, ou à exclusiva nomeação de um “parecer-homem” no que diz respeito ao semblante. No entanto, a diferença sexual revelada em Lacan não fixa a diferença dos sexos, de maneira que a identidade de um sujeito não é definida a partir de sua constituição biológica ou tampouco pela questão cultural, mas sim pelo lugar de discurso por ele ocupado. Procura ainda mostrar a impossibilidade de simbolização do gozo real, uma vez que nem o próprio gozo é definitivo.

Como já exposto, a falha ao utilizar o falo como significante uno ao redor do qual se constroem postulações de questões de gêneros, mais além da anatomia, dirá de um significante fálico que aparece, a princípio, no discurso do Outro e no seu desejo.

Dessa forma, cada sujeito, masculino ou feminino, é marcado por uma história particular, inserida num contexto sócio-histórico-cultural. Diante desta pluralidade percebida por Lacan, nomear a mulher seria restringi-la, limitá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos constantes da revisão de literatura

ALVES, Fernanda de Oliveira; PERRONE, Cláudia Maria; SOLDERA, Diana. **Pesquisa em Psicanálise como possibilidade de construção e afirmação da ciência feminista**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499479174_ARQUIVO_Pesqui

[saempsicanalisecomopossibilidadedeconstrucaoefirmaodacienciafeministaFernandaAlves.pdf](#)

f. Acesso em 10 de abr. de 2021.

AMBRA, Pedro; SILVA, Nelson da; LAUFER, Laurie. O ser sexual só se autoriza por si mesmo e por alguns outros. **Psicologia em Estudo** [online]. 2019, v. 24. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/1807-0329e41497>.

ARAÚJO, Antônio Carlos Caires. Conceito de gozo. **Cogito**, Salvador, v. 7, p. 9-11, 2006. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 abr. 2021.

BARROS, Rita Maria Manso de; LIGEIRO, Vivian Martins (2020). "O que é ser mulher?" - entreo enigma e o desamparo. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, 12 (1),

3-13. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.3>

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeiada Livro, 1967.

BONFIM, Flávia. Todo fálico e não-todo: construções lacanianas sobre a sexuação. **Revista eletrônica Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10476/8248>

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In:_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 2.

CNN. **Efeitos da pandemia sobre mulheres podem atrasar luta por equidade**. 08 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/08/efeito-da-pandemia-sobre-mulheres-podem-agravar-cenario-de-luta-por-equidade>

642

COSSI, Rafael Kalaf. **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. São Paulo, 2016. 276 f. Tese - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-25072017-090645/publico/cossi_do.pdf. Acesso em: 10/04/2021.

*COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2017, v. 33. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3344>

COSSI, Rafael Kalaf. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. **Psicologia USP** [online], 2020, v. 31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180043>.

*FRANÇA NETO, Oswaldo. A Verdade do Sujeito e sua Veiculação pelos Nomes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2018, v. 34. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34415>.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In:_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. Edição standartbrasileira.

FREUD, S. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. IN:_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. (1926). A questão da análise leiga: Conversações com uma pessoa imparcial. IN:

_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. Edição Standart Brasileira.

FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. In: **Obras Completas**, vol.18. São Paulo: Companhiadas Letras, 2010.

GERALDES, Elen Cristina. [et al.]. **Mídia, Misoginia e Golpe** –1. ed. –Brasília:FAC- UnB, 2016.316p.

Disponível

em:

https://faclivros.files.wordpress.com/2017/03/faclivros_midiamisoginiagolpe.pdf.

Acesso em 10 de abr. 2021.

JAKOBSONK, Roman. **Linguística e comunicação**, ed. 14, São Paulo, Ed. Cultrix, 1991.

JONES, E. (1927). The early development of female sexuality. **International Journal of Psycho-analysis**, 8(4), 459-472.

KRINSKI, Sthefan; MADEIRA, Manoel; MOSCHEN, Simon. A noção de Semblante em Jacques Lacan: contribuição às identidades contemporâneas. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, 22(4), 803-827, dez. 2019.

LACAN, Jacques (1955-1956). **O Seminário, livro 3 - as psicoses**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. Da psicanálise em suas relações com a realidade, in **Outros Escritos**. Instituto Francês de Milão, 1967.

LACAN, Jacques (1969-1970). **O Seminário, livro 17 - O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques (1971-1972). **O seminário, livro 18 - de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques (1972-73). **O Seminário, livro 20 - Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

*LIMA, Vinícius Moreira; RESENDE VORCARO, Ângela Maria . O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], 2020, v. 40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192180>.

LOPES, Rosa Guedes. A psicanálise é o que reintroduz o nome-do-pai na

consideração científica. **Ágora**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 95-III. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 Apr. 2021.

MARCOS, Cristina Moreira; SALES, Eduardo Augusto de Souza. Os nomes do pai e a generalização da castração. **Ágora**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 575-590, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200575&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 Apr. 2021.

*MARCOS, Cristina Moreira e SILVA, Thaís Limp. Madaleine e Medeia: Mulheres além da maternidade. **Psicologia em Estudo** [online]. 2019, v. 24. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24io.42589>.

645

*MAURANO, Denise; ALBUQUERQUE, Bruno. Lacan e a experiência mística à luz da psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online], 2019, v. 22, n. 3, pp. 439-456. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p439.3>.

MEES, Lúcia Alves; POLI, Maria Cristina. "Mulher objeto": feminismo e psicanálise. **Psicol.clin.**, Riode Janeiro, v. 31, n. 3, p. 461-480, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000300004&lng=pt&nrm=iso.

MONEY, J.; HAMPSON, J.; HAMPSON, J. **An examination of some basic concepts: the evidence of human hermaphroditism**. Bulletin of Johns Hopkins Hospital, v. 97, n. 4, p. 301- 319, 1955.

MOREIRA, Adriano da Silva. **As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o**

amor, o desejo e o gozo. Vitória, 2017. Dissertação – UFES. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/9365/1/tese_10794 DISSERTA%C3%87O%20-final-SAPPG-CORRIGIDO.pdf . Acesso em 23 jul 2021.

*MUSATTI-BRAGA, Ana Paula; ROSA, Miriam Debieux. Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar. **Psicologia em Estudo** [online]. 2018, v. 23. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23.e37502>.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira; PELÚCIO, Larissa. As vozes insurgentes são feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e72260, 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge — Rio de Janeiro: Zahar, 1998

SAUSSURE. F. Curso de linguística geral. São Paulo: Culturix, 2012.

SILVA, Aline Miranda da. A devastação e o feminino. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 12, n. 22, p. 27-34, jun. 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100003&lng=pt&nrm=iso..

*SOUZA, Danuza Effegem de; KOSOVSKI, Giselle Falbo. Mulheres e Espelhos: a devastação e o irrepresentável no corpo feminino. **Fractal: Revista de Psicologia** [online]. 2018, v. 30, n. 2, pp. 166-172. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5504>.

STOLLER, R. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity.**

Londres: Carnac Books, 1984 [e-book].

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. **Psicanálise e feminilidade: algumas considerações.**

Psicol. cienc.prof., Brasília , v. 17, n. 3, p.

20-27, 1997. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98931997000300004&lng=en&nrm=iso.